

ALAGRIÇA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

DOMINGOS CARREIRA

A quem tiver de escrever algumas linhas a respeito de Domingos Carreira apparece em primeiro plano a sua tendencia artistica, acentuada, nitida, a sobrelevar ás mais qualidades que o ornãam.

N'elle o sentimento do Bello manifesta se-lhe mais sob a forma expressiva e eminentemente communicativa da musica, que sob outra qualquer das Bellas-Artes.

Sentir e exprimir na modalidade extensissima dos sons as paixões e os impetos, casar harmonicamente os murmurios da Natureza com os threnos de uma alma sensível e aprimorada, eis o que Domingos Carreira sabe fazer como poucos.

E' ouvil o com a sua flauta, interpretar, dar vida e colorido ás paginas dos bons mestres, para ficar-se convencido de que, o nosso retratado de hoje é um privilegiado, uma organisação acima do vulgar e, que consequentemente a todas as manifestações da sua actividade imprimirá o cunho d'essa superioridade. E assim succede effectivamente.

Na imprensa, porque as suas aptidões emprega-as tambem n'essas lides, vimol-o pôr tanto cuidado no nurilar de uma simples noticia como no phrasear um esmerado artigo de valor politico, e, no desempenho do seu logar no cartorio do ex.^{mo} sr. dr. Luiz Novaes é de igual minucia e sollicitude.

Captivante no trato sabe, quando é preciso, elevar-se e pesar tanto sobre os adversarios nas luctas de idéas, com os argumentos e factos que a sua excellente memoria lhe traz promptamente para o campo, que se não logra incutir nos antagonistas os seus racioeimos, consegue ao menos impôr os seus conceitos, fa-

zel os respeitar, porque são sinceras as suas convicções.

Mais que isto saberia dizer uma biographia, que indo buscal-o nas diversões alegres e explosivas de rapaz nol-o mostrasse n'aquella idade, já um fascinado pela musica, executando por imitação, em um tosco pifaro de canna,

trechos de certa difficuldade, e que depois o viesse acompanhando no seu desenvolvimento artistico, testemunhando todos os esforços empregados e tambem desvendando, para melhor o apreciarmos, o intimo e inegualavel jubilo que se apodera de Domingos Carreira a cada difficuldade vencida.

Domingos Carreira é, como o maestro Miguel Angelo, barcellinense, sendo porém, mais que isso um bom portuguez de lei, amando com estremeccimento desde as margens bordadas de sinceraes do murmuro Cavado até aos pincares graniticos e alterosos da Franqueira ou do Penedo do Ladrão. Quanto de bello abriga este ceu puro e azul do nosso Portugal encontra n'elle um admirador e um crente no resurgimento da patria de Camões, de João de Barros e de Vieira.

Que a inhabilidade com que estão traçadas estas linhas nos seja relevada, e que d'ellas apenas fique a impressão da nossa boa vontade em desempenharmo-nos da agradabilissima missão, pesada e ardua de mais para quem, como nós, tem pouca agilidade no servir-se da pena para transmittir o proprio pensamento, de acompanharmos com algumas palavras o retrato que hoje honra a primeira pagina do nosso quinzenario, galeria para onde trazemos o testemunho do nosso respeito pelo verdadeiro merito.

C. J.



À CAMARA MUNICIPAL.

«Muito Altos, e Muito Poderosos
Camaristas, e Senhores Nossos.»

Proximo da capella que se ergue no monte de Alheira, com evocação a S. Lourenço, ha um humilde casebre de pinho, tizado pelo sol e fustigado pela chuva.

Vive n'elle um homem mysterioso, que é gor-do, e tem o aspecto barrigal do *Pixoto do Milho*.

Cinge-lhe o corpo uma estamêna fradesca.

Mal cabz elle na sua residencia, cujo principal compartimento é o dormitorio onde uma tarina occupa todo o chão, tendo á cabeceira uma rese- quida caveira e uma pequena cruz de pau.

Ha sete ou oito annos que se refugiou no monte, alto e longe de povoado, para, nem sequer, ouvir a alegria cantante das camponezas, nas noites silenciosas.

Nos primeiros mezes, após ao dia em que abor- dou ao refugio alpestre, descia aos adros das egre- jas visinhas, á hora da missa conventual, expun- ha-se nú, da cinta para cima; e, como a corda que lhe cingia o habito, martyrisava o corpo.

Um dia o nosso collega abbade Paes terminou com o espectáculo, e o *asceta* retirou para o pin- caro do seu monte, d'onde só desce quando a fome o aperta.

Lá, na eminencia, que parece despegar-se da terra, para topar no infinito, reza, desprende a oração até Deus, a sós com o desespero das venta- nias, assobiantes aavez de carvalheiras seculares, ou á luz do luar, a que as feiteiras se des- trançam e se cogam, na folhagem orvalhada das arvores.

«Quem é este homem? Misterio. Não diz d'on- de vem nem para onde vae.

... No entanto não faz mal sem fazer bem...

Sobe nostalgico as proeminencias graníticas das immediações; tempêra com regularidade chrono- metrica a lampada de S. Lourenço; babe abun- dantemente do *tinto* que faz *vermelhos* os Brancos e bota a terra os Carvalhos.

Vem isto a proposito, «Muito Altos, e Muito Poderosos Camaristas, e Senhores Nossos», do quanto vale um só homem na constancia das obri- gações que lhe impozera a *consciencia*.

... E Vós, que sois muitos, não imitaes aquel- le *único* olhando patrioticamente para a nossa terra...

Só subis quando trepaes ás vossas proprieda- des; não tendes lampada para acender afim de que vos alumie no caminho do bom gosto e só imitaes o ermitão, bebendo a *pinguinha* tráfafa- zeja e humana.

Nós, «Muito Poderosos Camaristas», não tê- mos a propriedade de nos sentarmos no chão, nem mesmo em esteiras, como os chinezes, nem

de os imitarmos pintando n'essa posição, escul- pindo e bordando; nós não podemos de hemispher- io carnudo pousada n'esta última camada geolo- gica, crusar as pernas como os armenios, sem dif- ficuldade; só facilmente egualariamos os tureos e os persas asseniando-nos em coehins para saborear voluptuosos vapores d'opio...

... Mas á falta d'aquellas conlições adquiridas, contentamo-nos com o simples banco de encosto, de talas de madeira assentes em ferro.

Des que ha no Campo da Fêira, e que o publi- co aproveita com utilidade, poucos estão em bom estado, e d'esses poucos um é propriedade do João Caravana.

Precisamos por isso, «Muito Altos, e Muito Poderosos Camaristas, e Senhores Nossos», que mandeis renovar os damnificados, e colloer no- vos nos pontos em que o vandalismo os fez desap- parecer.

*

Escrevo-nos uma das pessoas mais superior- mente educada e instruida de Barcellos, lem- brando a desistencia da idéa de conseguirmos uma ála de castanheiros, partindo da Santa Casa ás estrada em frente, pela razão de demandarem de muitos cidados quando nós, dos perigos da doença que agora os não deixa vingar e, ainda, do inconveniente de serem inutilizados pela gorotada quando fructificados.

O eucalypto, afirma, é a arvore mais direita, a que mais cresce, a mais hygienica, a que me- lhor se dá nos terrenos secos, a que menos cui- dados requer par ao seu desenvolvimento, e virá dar ao Campo um certo ar de novidade pouco vista nas arborisações publicas.

O eucalypto cresce até á altura que se deseja, cortando-se-lhe a ponta, e ganha côpa como qual- quer mimosa e como ella conserva sempre a fo- lhagem.

*

O sr. Benjâmin da Silva, rapaz de talento engenhoso, tambem nos escreveu fallando da op- pressão da Camara sobre a sua pessoa.

Não fazemos politica.

As Câmaras devem obedecer á opinião publica que as domina.

E aqui estou eu que como amigo sou dedicado do Beijo e como *imprensa* não o applaudo nas suas obras.

... Na sua barraca-azinha não ha gosto, e quan- to menos limpeza, porque os porcos fazem ali uma esterqueira mal cheirosa...

E' sabido, por quantos em horas d'ocio tem amenizado os atropelos da vida com a leitura de algumas paginas; que não sejam de *romanceiros* mercenarios, que, visitando uma terra, estudan- do-a e com ella os seus habitantes e a sua civi- lisa ão, o primeiro elemento para que o visitans

A LAGRIMA

taulle lança a vista e sem duvida para os monumentos, edificios publicos e particulares, jardins e praças, arruamentos, pontes, calçadas, fontes, e enfim quanto hoje se prende intimamente com a vida humana.

¿E não será acaso tristissima a idéa que o fozasteiro leve de nós, barcelenses, em assumptos de arte e de bom gosto, depois que, passeando pelo unico e acanhado jardim que possuímos, se lhe depara uma ridicula e grotesca pia, tendo no meio uma pedra do feitio de cabaça, expellindo magro filete d'agua?

Adivinha se um estranho a murmurar—Bella e pinturesca a villa de Barcellos, mas... muito atrazada... os barcelenses insensíveis aos encantos que os rodeiam sem comprehensão do Bello...

Senhores camaristas, por quem sois poupae-nos esta suprema humilhação. Fazei repor no lago do jardim aquelle amontoado de pedras anfractuosas, coroae-as com um grupo qualquer, o brasileiro Paulo e Virginia por exemplo, mas mas tirae d'alli aquella pia; aquella *consa* indecente que nos está a rebaiçar e que a Vós vos está comprometendo, porque quem vir *aquillo* hade cuidar que eriaes porcos ou marrecos no jardim, quando é verdade que apenas elles se criam nos baixos das casas das ruas mais centraes da villa.

No domingo passado houve contentamento para os lavradores porque a chuva cahida durante o dia, com pertinaz paciência, lhes deu mais uns cantaros do vinho e umas razas de pão; satisfação para os mesarios do Terço, por que com bons devotos e amigos do proximo, consoloando-se das desgraças alheias, saíram em procissão no sabbado com a sua Santa na visita a todas as egrejas *ad petendum pluviam*, e viram a rapidez com que os seus rogos foram ouvidos, não podendo portanto applicar-se-lhes o velho aphorismo «vozes de burro não chegam ao céu»; e zanga para os que, com seus jantares preparados aguçavam o appetite para a Franqueira, para Lijó, para a Povoá, para a Apulia, e para outras varias partes, onde se passa, no dizer commum, um dia cheio.

Houve, pois, de tudo. E nós que tambem tínhamos o nesso projecto, não nos envergonhamos de o dizer, ficamos de *beiza cahida* por o vermos desfeito por aquella chuva miuda, a-de *molha los*.

¿E quem d'riatal? O proprio saragoçano se fosse vivo não era capaz de o affirmar que a um sabbado, cheio de sol quente com uma ligeira viração, e uma noite luarenta, tão linda, tão clara que qualquer mancha podia ler as phrases apaixonadas da perfumada missiva atrada da jnuella por uma nivea mão na sua passagem, o dia seguinte apparecesse carrancudo e feio, e não ale-

gre e de boa catadura, para a humanidade entregrer o corpo ás louçanias campestres, folgando da monotonia diaria que se arrasta por essas ruas.

E depois entrar n'uma cosinha era um deslumbramento. Tudo se atarefava em depennar os frangos, temperar o lombo, fritar as sardinhas, salgar a pescada, bater os ovos, desfiar bacalhau, provar este molho, apimentar aquelle, ver se a vacca já estava assada, calcular o vinho preciso, contar os trigos, ir á caixa da limpeza buscar toalhas e guardanapos, etc. etc., de modo que d'ahi a pouco appareciam Franqueiras de frangos, Santas Luzias de bolinhos de bacalhau, Pirineus de lombos, Alpes de pescada frita, Cavados de verdasco e tudo o mais que vistes lá por casa em eguaes proporções: As criadas ajojavam ao peso das enormes cestas onde se transportavam todas estas comedorias, cantando e divertindo-se, e na volta os nossos estomagos, tomada a sua quota parte e os nossos pulmões cheios de bom ar levantavam hymnos de jubilo á Natureza, mãe amantissima da humanidade.

As passeiadas não se realisaram, e na pacatéz habitual cada um tomou logar á sua meza comendo, como banal refeição, o que lhe devia saber a hydromel dos poetas ou nectar dos deuses.

Enfim, seja feita a vossa vontade porque *Deus super omnia*.

¿E a respeito de binóculos? Sóo João Candido tinha tres e um olho.

Para dois olhos achamos muito.

O alçado do theatro Gil Vicente é um'attentado á mão armada áquillo que a gente chama Arte, segurando o chapéo na mão, sem receio de constipado.

O auctor é o engenheiro Lima, de Pereira, que é um hom' homem,—mas nunca foi artista.

Mas para reparo das consciencias melindrosas é preciso dizer que o trabalho custou «por ser para Barcellos»—100.000 reis...

Quer dizer—100.000 reis por uma *platacoada*.

O director da «Lagrima» é accionista da Empreza Theatral Gil Vicente, mas se não o fosse d'ria como o outro:

—«... Que eu nem á mão de Deus larguei o meu dinheiro, mas não se me dá saber do dinheiro dos outros...»

Na America, paiz de maravilhas onde tudo nos surprehende e nos acorronta á creença do que o impossível é um mytho de uma civilização embryonaria, e passada já aos campos da historia assim como um paganismo da Sciencia, na America, diziamos, destróem-se ilhas inteiras, no simples contacto de um botão electrico, tão completamente e tão sabiamente como a melhor convulsão geologica; domam-se cataratas como a Niagara aproveitando-lhe a força leonina e ru-

A LAGRIMA

gidora; transpõem-se de um salto valles immensos, que o mesmo é atravessal-os sobre viadutos feitos de teias de aranha, que tão finos são os seus entrecruzados artezões de aço; na America transportar uma casa de cinco, seis ou sete andares é brinco para aquelles prodigiosos homens.

Mas como todos estes assombrosos planos se executam n'aquellas terras, onde cada individuo recebe uma educação profissional, completa, onde cada profissional é um *engenheiro*, quasi que não cabe na razão que nos admiramos. Todo o nosso respeito, toda a nossa admiração é melhor empregada na tarefa posta em obra por Delfim Barbosa da Costa, na sua casa da Avenida 11 de Fevereiro.

Nada menos que elevar, com o auxilio de *macacos*, *cavalletes*, *cu das*, *alavancas* e outros mais instrumentos primitivos, um primeiro andar de um predio que alojando os seus proprietarios comportava tambem salas para um restaurante e um mostrador onde os passageiros apeados na vizinha estação do caminho de ferro iam tomar a sua cerveja ou o bom *verdasco* no verão, no inverno aguardente ou *cognac*.

¿Quem é Delfim? Quem é o homem que assim mette hombros a uma empreza de tanto trabalho?

—E' um humilde guarda da noite da nossa estação do caminho de ferro!—

A nossa a miração, pois, para um homem que, desarmado do recurso não recou diante da enormidade do commettimento e lhe vai levando a execução até final.

Um bravo entusiastico! Um bravo ao Delfim, que com a sua coragem e engenho soube pôr-se a pár dos technicos americanos.

Um lavrador d'uma freguezia do concelho de Barcellos consultou um medico da terra a respeito da doença de sua mulher.

Em vista da descriptiva do *mal* que o homem fez, o facultativo mandou-lhe dar um purgante, porém ella, por mais instancias que o marido fizesse não o tomou.

Diz elle já desesperado do seu tentamen:

—«Então não o tomas? Pois tomo-o eu: o dinheiro é que se não perde.»

E foi que nem rosca...

Mas quem é assim não toma purgantes, pede a Deus que o mate...

E ao Diabo que o leve...

O José Terroso affirma que a melancia é magnifica de vinha d'alho.

* A uma meza, fallando a respeito de cozinhadors para a Franqueira, diz uma menina:

—«Fiz o ultimo prato ás 3 horas do manhã.»

—«Eu não sabia que aqui havia fabrica de louça», responde a quem.

* Melancias apimentadas vendem-se todos os dias na Praça de D. Pedro V.

* No «Barcellos» pelo-se ao sr. administrador que mande o seu delegado de saude inspecionar algumas casas da villa onde se eriam porcos.

Apegue-se, collega, ás almas do purgatorio ou faça preces ao Altissimo.

* Dizem-nos que se vai collocar na entrada do norte da Viella de Trás da Rua Direita, um distico muito expressivo:—SENTINAS.

Do penultimo n.º do «Barcellos Regenerador»:

Exame—Fel-o de instrução primaria a intelligente menina..... ficando approvedo.

Em que ficamos? E' menina ou menino? O eu será *machafemea*?

N'outra local;

«Apesar de para isso não ter feito convite, pois que, não obstante instancias de seus amigos, não consentiu sequer que a tal acto se desse o tom festivo que desejavam, entre as quaes as pessoas mais distinctas da nossa terra.»

¿Os srs. que entendem d'estas cousas fazem o favor de nos explicar este embroglio?

N'outra local:

«... n'ella se destacavam dois coros de meninas, que muito agradaram.»

O que muito agradaram, foram os córos, ou foram as meninas?

Na mesma:

«A's 2 horas da tarde n'um caramanchel adréde armado nas proximidades da capella de S. Lourenço, com canos de carvalho, de Louro, com fetos, cujos vegetaes exalavam um cheiro penetrante, um não sei que de floresta, deu o sr. Affonso Portella um opiparo jantar a grande numero d'amigos.»

Canos de carvalho? Para que serviriam?

Ah! já sabemos. Eram para conduzir o espumoso verdasco de que o Portella é eximio cultor.

BARCELLOS

Responsavel:—João Gonçalves da Silva.

Typographia Barcelleuse